

# Na'am, ¡ nosotros tenemos el poder!

**Terror e tráfico querem roubar cena usando globalização como arma**

ALINE CAMACHO, DIEGO SANTOS, MANUELA PINI E MARCELLE FONSECA



**o mundo é um palco**

As crises do Estado capitalista moderno – grande protagonista da política internacional por mais de três séculos e meio – decorreram, em grande parte, da dificuldade de explicar e defender medidas implementadas para a população. Para o filósofo Jürgen Habermas, esse insucesso reverberou numa "crise de motivação", em que indivíduos membros da sociedade, em grande parte pelo agravamento das suas condições de vida, não se sentem mais estimulados a seguir as instruções e ordens advindas do sistema econômico e político formal. Tal situação levou a uma busca de alternativas, em termos de uma organização da vida cotidiana fora dos sistemas institucionalizados. Após os anos 70, uma rede complexa de atores não-estatais, que até então eram coadjuvantes no cenário internacional, mostra sua força ao desafiar a autoridade do Estado. Isso provocou um repensar da ação de uma organização política imersa nas suas

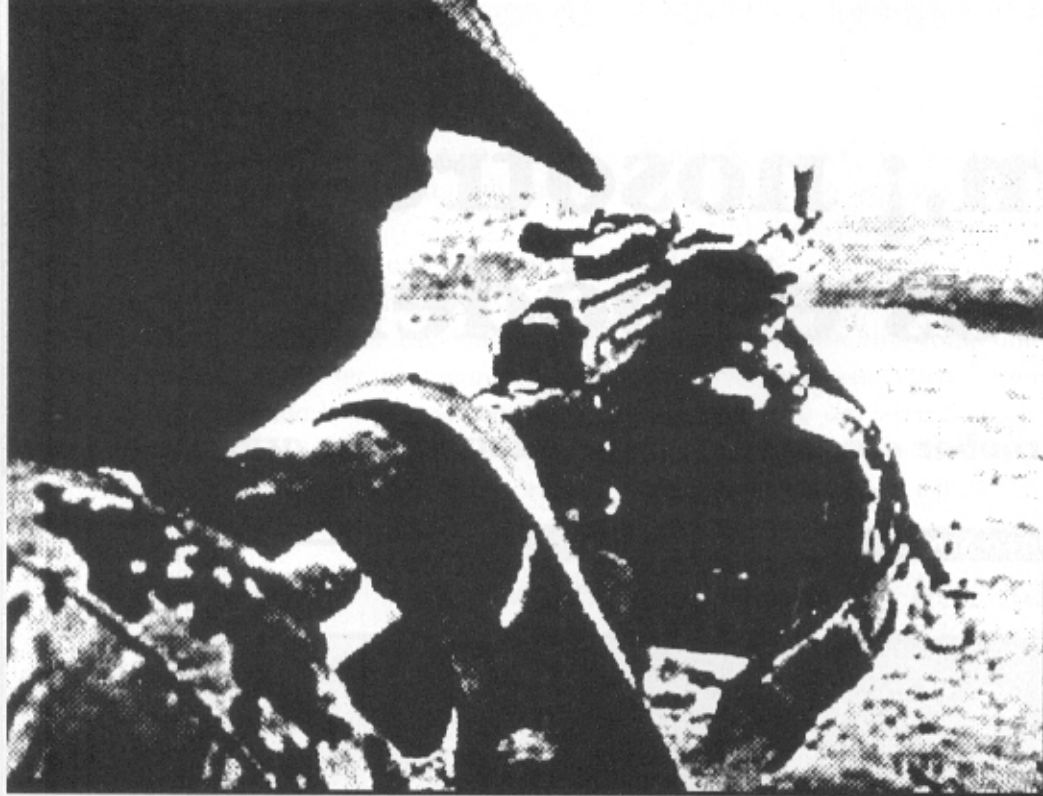


*O Império se sustenta?*

crises de racionalidade e de necessidade de legitimação em face de grupos contestadores cada vez mais diversificados.

Num plano maior, temos o choque de duas forças paralelas, numa nova ordem mundial que

se diz pautada nos princípios do liberalismo e da cooperação, sob a égide de uma potência hegemônica. Observa-se, segundo o pensador francês Jean Baudrillard, o fortalecimento de uma corrente paralela ao poder central, que



deseja afirmar sua singularidade sob uma reversão simbólica dos padrões de uma superpotência globalizante, a qual diz ter a missão de integrar o mundo em todas as dimensões – política, econômica, cultural, entre outras. Esse é um conflito simbólico que mostra que a globalização não é mundial apenas do lado da superpotência, mas também para as lógicas alternativas e contrárias ao seu poder; essa é a receita para a difusão global da violência, transmitida em tempo real para o mundo com o avanço das tecnologias de informação. Neste novo estilo de conflito entre os protagonistas e os coadjuvantes do sistema, Baudrillard chama particular atenção para a configuração da própria imagem das forças em batalha, pautada numa extrema originalidade. Em um lado, um mundo liderado por uma superpotência abstrata, cujo poder é ameaçado nos seus vácuos de ação dentro de um universo que lhe escapa. Do outro, "inimigos"

invisíveis e inomináveis, que por vezes usam elementos do próprio sistema contra ele (como os Boeings da American e United Airlines) e o sistema postal, e destroem símbolos do poder que se multiplicam em várias esferas. O mundo, portanto, passa a ser um campo de batalha real para uma guerra transpolítica e assimétrica, em que os inimigos atuam em planos diferentes de ação. Enquanto as forças do Estado optam pelo militarismo *hi-tech* e seus tradicionais métodos de segurança e investigação, a "reação" mostra sua eficácia, por vezes com métodos bem primitivos, ao agir de forma difusa, espalhando-se por diversos territórios. Nessa conjuntura, dois agentes chamam especial atenção: o "neoterrorismo" e o narcotráfico.

#### Arquitetura da destruição

O mundo assistiu perplexo, diante da televisão, ao surgimento de uma modalidade específica de terrorismo, um tanto distinta do

praticado por grupos centralizados e com braços políticos, como o Exército Republicano Irlandês (IRA) na Irlanda do Norte. Num momento em que os governos perdem o monopólio do uso da força física e se fortalece o tráfico mundial de armas, as ações terroristas estão ganhando uma nova dimensão, que pressiona a uma mudança em toda a forma de se pensar e se combater agressões dessa natureza. Os atentados ocorridos nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, demonstram que, atualmente, as ameaças à segurança de qualquer país são muito difusas e que grupos terroristas podem realizar ataques de tal grandeza sem necessariamente possuírem muito dinheiro. Essas surpreendentes investidas foram um ponto de inflexão no que se refere à magnitude dos atos terroristas; segundo o especialista em segurança internacional da Universidade de Duke (EUA), Ole Holsti, a ameaça terrorista tornou-se muito mais difusa em razão dos avanços tecnológicos. Atualmente, um criminoso com conhecimentos científicos razoáveis pode cometer atos de proporções aterrorizantes.

É necessário ressaltar que o ataque aos símbolos da hegemonia econômica e militar dos EUA – o World Trade Center e o Pentágono – é apenas mais uma resposta às políticas adotadas no início dos anos 80 pelas superpotências mundiais, que arrasaram os países do antigo Terceiro Mundo para um turbilhão de mudanças para as quais não estavam preparados. Essas mudanças se tornaram mais drásticas e cruéis após a dissolução da

URSS, quando o surgimento de um pensamento único que apontava o neoliberalismo conduzido por centralizadores de poder se tornou a melhor alternativa para todos os países do globo, sem levar em consideração o grau de desenvolvimento e as necessidades de cada região em particular. O neoterrorismo, portanto, não se voltou contra o processo globalizante em si, mas em especial pela condução dada a tal processo pelas potências e seus resultados mais drásticos nas estruturas locais.

Assim como nos jogos de simulação, os ataques de 11 de setembro, nos Estados Unidos, foram disferidos por inimigos virtuais, mas tiveram dimensões bem reais e fatais para as milhares de pessoas que morreram no World Trade Center ou nos aviões seqüestrados de forma bastante primitiva pelos terroristas. O terrorismo agora se organiza em redes que seguem a lógica globalizante. São redes que possuem estruturas transnacionais e são dominadas por grupos bem articulados e organizados, como o Al Qaeda, comandado por Osama bin Laden.

Parece que só agora o planeta começou a se voltar para o fato de que a globalização ocorre em mão dupla. Existe o palco, onde as superpotências brilham e ditam as ordens, e a margem, onde se amontoam os excluídos e subjugados. Essas diferenças de *status* e de poder forçam ao antagonismo entre esses dois grupos. O terrorismo virtual, sem fronteiras e com vários tentáculos espalhados, surge como a forma de luta para os que estão à margem do sistema. Nações ressentidas por suas

posições e inseridas em uma conjuntura na qual o referencial simbólico – como a religião, por exemplo –, para muitos especialistas, acaba servindo de pretexto para uma luta cuja verdadeira motivação é sociopolítica e, em certos casos, até econômica.



**"O terror está aprendendo a usar a globalização como arma contra o próprio sistema"**

**Eric Hobsbawm**

De acordo com o sociólogo alemão Robert Kurz, foi a ideologia militante do totalitarismo econômico ocidental que preparou o terreno para os igualmente militantes "desvarios neo-ideológicos". O fim da era do capitalismo de Estado e de suas idéias foi tomado como ensejo para silenciar as críticas. As contradições da lógica capitalista não puderam mais ser discutidas, foram declaradas inexistentes, e a questão da emancipação social para além do sistema produtor de mercadorias considerada irrelevante.

O novo terrorismo, portanto, começa a despontar como importante agente na política internacional. Ele atingiu um nível de organização extremamente eficiente e específico e, segundo o historiador Eric Hobsbawm, os extremistas não apenas se aproveitaram da liberdade de movi-

mento e fácil acesso à informação para viabilizar suas ações. Eles souberam atacar no exato instante em que os EUA demonstravam vulnerabilidade econômica (espelhada na recessão) e política (a escalada de hostilidade com que seus aliados no Oriente Médio têm de lidar). O mundo moderno é extremamente vulnerável a qualquer tipo de interrupção em seus fluxos normais, e os terroristas, apesar de todas as conseqüências, foram eficientes ao explorar esse período de "sensibilidade generalizada". O terror está aprendendo a usar a globalização como arma contra o próprio sistema.

#### **Folha, que vira pó, que vira povo**

A questão do narcotráfico tem uma característica fundamental que dificulta a sua resolução: o mesmo sistema que o combate também o sustenta. Os grandes consumidores das drogas produzidas e exportadas da América Latina são os mesmos países desenvolvidos — Estados Unidos e Europa — que reservam importantes porções de seus orçamentos para campanhas e organizações de combate ao tráfico. A recente produção *Traffic* abordou esta realidade de forma brutal e verdadeira. No afã de retratar a profundidade e abrangência do sistema do narcotráfico, o diretor Steven Soderbergh desmascarou todas as instâncias da cultura das drogas — os usuários, os traficantes, a polícia e o Estado — e reproduziu a rede de interesses que há por trás deste cenário.

O narcotráfico se instala a partir do consumo viciado de seus pro-





duto e se legitima junto às comunidades preenchendo as lacunas sociais deixadas pelo Estado. Nos morros do Rio de Janeiro, os comandos — versão canarinho dos famosos cartéis colombianos — oferecem saneamento, moradia, bens e qualidade de vida a troco de sigilo e complacência. Para as muitas famílias que teriam de sustentar-se com os miseráveis salários mínimos garantidos pelo Estado, a primeira torna-se uma opção no mínimo mais atraente.

Conseqüentemente, institui-se uma identidade de resistência, como a chama Manuel Castells, criada por atores que se encontram em condições desvalorizadas pela lógica do sistema imperante, construindo assim trincheiras de sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou até mesmo opostos a estes últimos. Este tipo de construção de identidade destinada à resistência, leva à formação de comunas e dá origem a formas de resistên-

cia coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável.

Esta nova identidade inverte os termos do discurso opressivo e



**"A identidade de resistência introduz a exclusão dos que excluem pelos excluídos"**

**Manuel Castells**

introduz a "exclusão dos que excluem pelos excluídos", como a denomina Castells. Ou seja, a construção de uma identidade defensiva, nos termos das instituições dominantes, reverte o julgamento de valores e, ao mesmo tempo, reforça os limites da resistência. Percebe-se então uma divisão da sociedade em dois gru-

pos, os aliados às instituições dominantes e os que compõem as redes de ações e influência dos grupos marginalizados.

Esta forma de identidade encontra paralelos em todos os outros nichos de operação do narcotráfico, criando assim uma rede de integração, que ultrapassa fronteiras e se estabelece num plano mundial e intangível. Não há um ponto que possa ser bombardeado e que assim garanta o fim do narcotráfico, porque as operações não se limitam a um morro ou uma plantação de folhas de coca. Os mecanismos de combate direto do Estado-Nação, movidos por formas de militarismo tradicionais, não mais servem para combater um inimigo que não tem cara, endereço ou campo único de ação.


O que vemos, em conseqüência disso, é um conjunto de países narcoestagnados cuja economia está diretamente ligada e depende da produção, elaboração e venda de drogas, e cujos governos não logram dar passos fundamentais

sem o consentimento dos grandes líderes do narcotráfico. A proposta de governo que elegeu o atual presidente da Colômbia, Andrés Pastrana, candidato da elite, serve como exemplo disso. Pastrana verificou que o confronto direto ao narcotráfico e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) não fazia mais do que aterrorizar a população do país e defendeu a adoção de políticas apaziguadoras e conciliatórias a fim de estabelecer um sistema de governo que atendesse aos interesses da Colômbia como um todo. Contudo, as dificuldades de políticas como estas vêm se verificando na impossibilidade de se estabelecer uma agenda em comum.

#### Quando o show vai acabar?

É importante perceber que os novos agentes buscam a ampliação de sua participação no cenário internacional, sendo clara a plasticidade de suas táticas, entre as quais o anonimato e a perplexidade gerada pareceram ser algumas das mais importantes. O "inimigo" passou a atuar sob forma de células coordenadas e articuladas; a operação em rede dilui as suas ações e dificulta o combate, em especial quando se tem nessa *network* uma divisão específica de trabalho e o estabelecimento de códigos bastante particulares que fogem às regras do sistema "formal".

Essas redes diversificadas procuram impor seus objetivos utilizando as únicas armas eficazes, dada sua situação de inferioridade tecnológica e militar: as ações de geometria variável, abrangendo desde a atuação individual – como a transfor-



**"Seria necessária  
uma abordagem  
inovadora e corajosa para resolver  
situações  
potencialmente  
perigosas como a  
que vivemos"**  
Robin Wagner-Pacifci

mação de pessoas em munção inteligente – até grandes matanças, passando pela desorganização da complexa infra-estrutura material em que se baseia a vida cotidiana. Essa rede global é capaz de rearticular-se constantemente e de acrescentar novos elementos conforme outros vão sendo destruídos, porque se alimenta, em especial, do desespero social de milhões de miseráveis.

O fortalecimento do discurso maniqueísta do governo norte-americano, evidenciado na promessa do presidente George W. Bush de promover uma "batalha monumental do bem contra o mal", agrava a radicalização de inimigos externos e internos, abrindo caminho para um círculo vicioso de violência e um clima de insegurança mundial. O ideal, na verdade, seria reconhecer as divergências políticas, econômicas e ideológicas buscando uma integração, não a simplificação forçada a que começam a sucumbir, como destaca a socióloga Robin Wagner-Pacifci, da Faculdade Swarthmore (Pensilvânia). "Seria necessária uma abordagem ino-

vadora e corajosa para resolver situações potencialmente perigosas como a que vivemos", diz a socióloga, autora de livros sobre embates entre o governo dos EUA e grupos anti-sistema. Não se trata, obviamente, de enaltecer a ação de terroristas e narcotraficantes, mas de ver que a imposição de um modelo político, econômico e militar único – com o estigma da exclusão para os que não optam pelo caminho ditado em Washington – favorece a radicalização de oposição. Apenas com essa constatação, poder-se-ia começar a pensar num primeiro passo rumo à desarticulação da rede e ao impedimento de sua reconfiguração e reprodução.

As últimas ações dos coadjuvantes que ameaçam o protagonista evidenciam algumas questões básicas no seio do "mundo formal", como a impossibilidade de grandes potências negligenciarem as questões políticas em focos de tensão e a precariedade das instituições econômicas globais. Mais que isso, fica evidente, a partir do fortalecimento dos coadjuvantes, que o abandono da questão social está, direta ou indiretamente, no cerne da violência que se globaliza. Talvez o mundo neoliberal esteja pagando por aquilo que ele mesmo ajudou a fortalecer: a miséria. Resta saber até quando ele está disposto a se atolar na sua própria mediocridade moral. Até quando o show vai durar.



#### NOTA

*Na'Am: sim, em árabe.*

*Nosotros tenemos el poder: nós temos o poder, em espanhol.*